

Gente Boa

Hoje tem

Pessoas próximas tentaram convencer **Roberto Carlos** a contratar um profissional ou uma voz famosa para refazer a gravação que precede seus shows: "Senhoras e senhores, com vocês... Roberto Carlos!"; mas, por superstição, ele nunca autorizou a mudança. Por isso, a voz que será ouvida hoje, no show de RC no Forte de Copacabana, é de **José Carlos Romeu**, funcionário de Roberto há 30 anos. O Rei costuma dizer que não mexe no que está dando certo.

Afroreggae pede paz

Vítima de atentados recentes, o AfroReggae vai pedir paz com música, num concerto no Theatro Municipal, no próximo dia 19. "Diante das dificuldades, a música será usada para conectar, transformar e juntar", diz **José Junior**, coordenador do grupo. **Roberto Minczuk** é quem vai reger a Orquestra Sinfônica Brasileira, que receberá a orquestra AfroReggae.

Só na ciclovía

Mais nova ciclista da cidade, **Roberta Sudbrack** tem levado a sério o esporte. "Estou pedalando uns quinze quilômetros por dia", conta ela, que engrossa o coro dos descontentes com a má educação dos motoristas da cidade. "Nunca saio da ciclovía. Rua nem pensar, infelizmente ainda não há clima pra isso no trânsito do Rio. Se já sofro na scooter, imagina de bike?"

O homem por trás de tudo



Walter Ramires é, desde 2000, o homem por trás de toda a montagem do Rock in Rio. Diretor de engenharia do festival daqui e de suas versões em Madri e Lisboa, é ele o responsável pela criação das cidades do rock — da adaptação dos terrenos à montagem dos palcos gigantescos do maior evento de música e entretenimento do mundo. Cerca de 600 mil pessoas são esperadas no festival, em setembro.

Por falar em Rock in Rio...

Os ingressos para a área vip do evento custam R\$ 960 — e eles não são vendidos para qualquer um. Só quem for aprovado por uma promoter tem o direito de comprar.

De olho no Fred

Chico Buarque passou o jogo do Fluminense inteiro indo e voltando da mesa em que jantava, no Yumê, para o escritório da administração do restaurante, no Jardim Botânico. É que só lá tinha TV para ele assistir ao jogo.

Desenhos em turnê

O Festival Anima Mundi vai expandir no ano que vem. O evento, que pela primeira vez ocupa a Fundação Progresso, viajará por dez cidades do país em 2014. "Ainda não definimos quais serão, mas faremos um Anima Tour. Em dois dias de exibição no Rio tivemos 10 mil presentes. É um sucesso", diz **César Coelho**, um dos criadores do festival.

REVERÊNCIA AO MESTRE

Abraham Palatnik é festejado por amigos e companheiros de artes plásticas na abertura de sua nova exposição

Carlos Vergara chega à abertura da exposição de Abraham Palatnik, quarta-feira, na galeria Anita Schwartz, na Gávea, fazendo reverência ao amigo com aquele gesto de se curvar em direção à pessoa, com os braços esticados.

“É muita admiração, não só pelo trabalho mas também pelo tom de voz”, brinca Vergara, referindo-se à voz baixinha de Palatnik, que quase nem fala. “Adoro homens que não elevam a voz, são o contrário de mim, que vivo aos berros”.

“Tem futuro esse rapaz, é um jovem promissor”, brincou Roberto Magalhães, enquanto observava uma das cinco obras inéditas — todas elas foram vendidas naquela noite a preços que partiam de R\$ 40 mil —, que Palatnik, 85 anos, fez especialmente para a mostra. A exposição tem, ao todo, 31 trabalhos.

Quando Magalhães fez a brincadeira do “jovem promissor”, alguém lembrou do encanto de Miró, nos anos 60, pelo “Aparelho cinemacromático” de Palatnik. Ele ficou por horas observando o vaivém de luzes e cores dentro da caixa e até pediu um banquinho para admirá-la melhor, numa exposição na Suíça.

Anita Schwartz contava que ficou “emocionada” ao ver as obras novas pela primeira vez. “Ele, nessa idade, usar essa paleta de cores vibrantes... É energia pura! Só um mestre”.

Um mestre operário do trabalho. “Ele não para. Quando eu e meus irmãos saímos de casa, meu pai transformou nossos quartos em oficinas e ateliês”, conta Elisa Palatnik, filha do artista. “Inspiração é uma coisa que não me agrada. Meu negócio é ir fazendo as coisas”, diz o mestre da arte cinética.



Eles também foram. Omar Salomão; Waltercio Caldas e Roberto Magalhães; Isabela Rosado Nunes e Anita Schwartz



FOTOS DE MARCOS RAMOS



Adoro. Carlos Vergara reverencia Abraham Palatnik. “É muita admiração”



Vamos trocar o óleo

Mulheres foram ao Conar protestar contra uma campanha da Volkswagen, considerada por elas “desrespeitosa e discriminatória”. O anúncio ironiza a ignorância feminina sobre a mecânica do carro, chegando a comparar a falta de troca de óleo à de hidratante para a pele. O Conar viu “um tom jocoso”, mas considerou que a propaganda “tem o dom de despertar mais a simpatia do público atingido do que um sentimento machista”. Liberou.

Demorou e perdeu

A Editora Irmãos Vitale perdeu o processo por danos materiais movido contra os herdeiros de **Ary Barroso**. Administradora da obra do compositor, a editora alegou prejuízo por não ter conseguido vender “Aquarela do Brasil” para um comercial de telefonia. A proposta era de R\$ 200 mil, mas a demora na resposta dos herdeiros, coproprietários dos direitos autorais de Ary Barroso, melou o negócio.

Conselho de amiga

Vai à praia no fim de semana? Se for ao Arpoador, tire a correntinha de ouro do pescoço. A gangue da bicicleta continua fazendo a festa nos arredores do Parque Garota de Ipanema. São pelo menos cinco cordões arrancados por dia — sempre por meninos pedalando na contramão —, segundo uma moradora da área.

O buraco é mais embaixo

Um policial explicou que, por ali, “o buraco é mais embaixo”. Por ser numa área que não é da alçada nem da 12ª DP, em Copacabana, nem da 14ª, no Leblon, a Francisco Otaviano e a Bulhões de Carvalho, epicentro dos furtos, são “terra de ninguém”.

Ele serve que é uma beleza



Garçons das antigas torcem o nariz para os companheiros de profissão jovens e bonitos que trabalham como *freelancers*. Eles têm lá sua razão,

mas a verdade é que gente como **Victor Vieira** (acima) anima qualquer ambiente. Foi assim num lançamento de livro, dias atrás, no Leblon. Victor, 26 anos, fez o maior sucesso com as clientes, que o esperavam na porta da cozinha só para ter certeza de que seriam atendidas por ele.

Curtinhas

Adir Maria Andrade inaugura a exposição Constructus II, quarta, na Candido Mendes. **Dr. Acrycio Peixoto**, cirurgião plástico, tem novo consultório no Città América. **Felipe Bronze** agora abre para almoço o restaurante Pipo, de terça a sexta, com menu executivo. **Ambev** patrocina a 23ª Conferência Geral do Conselho Internacional de Museus, na Cidade das Artes. **Espaço Lavanda**, em São Conrado, lança massagem facial japonesa Kobido. **Rafael Inacio** expõe no Parque do Cantagalo o painel “Almoço de domingo”, no evento Arte de Rua do Rio Gastronomia. **Marcelo Yuka** é o homenageado do 7º Festival Visões Periféricas, que começa na próxima quinta-feira.

ENCONTRO AUDIOVISUAL CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 1

Outro edital que vem sendo realizado desde 2011 e que desperta o interesse de diretores é o Memória do Esporte Olímpico Brasileiro. O programa é coordenado pelo Instituto de Políticas Relacionais (IPR), com patrocínio da Petrobras, e oferece R\$ 260 mil para cada contemplado, para a produção de programas relacionados às Olimpíadas. A partir deste domingo, até o dia 13 de outubro, a segunda série de dez programas vai ao ar, sempre aos domingos, às 21h30m, na ESPN Brasil: entre os programas, há desde “No meio do caminho tinha um obstáculo”, de Cacá

Diegues, Flora Diegues e Renata de Almeida, sobre o cavaleiro Rodrigo Pessoa e seu cavalo Baloubet du Rouet, até “Mulheres olímpicas”, de Laís Bodanzky, sobre a participação das mulheres nos Jogos Olímpicos.

— Tivemos 99 inscritos em 2011 e 120 em 2012. Agora em agosto vamos lançar um novo edital, e a tendência é que aumente mais na nova chamada — diz Daniela Greeb, diretora do IPR. — Esperamos chegar a 2016 com cerca de 50 filmes para que possamos fazer uma mostra no ano das Olimpíadas no Rio.

O projeto olímpico, para Ca-

cá, é apenas uma das muitas possibilidades surgidas com a nova lei. Ele montou um grupo de trabalho em sua produtora, a Luz Mágica, específica para pensar conteúdo para TV.

— Eu tento fazer isso há muito tempo. Meu filme “Dias melhores virão” (1989) estreou primeiro na TV e depois foi para os cinemas — lembra Cacá. — Mas durante muitos anos a TV não quis saber da gente, e muitos de nós subestimamos a TV.

‘TODO MUNDO ESTÁ SE MEXENDO’ São muitos os exemplos como o de Cacá. A produtora carioca Migdal Filmes, que se notabilizou pelo longa-metragem

“Nosso lar”, produziu para a GNT a série “As canalhas”, cuja direção é de Anna Muylaert, cineasta paulistana conhecida por filmes como “É proibido fumar” (2009) e “Durval Discos” (2002). Também no GNT, está em cartaz a série “3 Teresas”, com direção de Luiz Villalça, que fez para o cinema o longa-metragem “O contador de histórias” (2009).

Já o produtor e diretor Flávio Ramos Tambellini, de “Malu de bicicleta” (2011) fez uma parceria com a produtora Gira, de Belisario Franca, este mais acostumado a projetos para TV, justamente pensando em criar projetos para o formato.

— Estamos desenvolvendo uma série chamada “Jungle pilot”, sobre um piloto de avião na Amazônia — explica Tambellini. — A Lei da TV Paga primeiro criou muito uma coisa de varejo, programas menores, muitos de humor, que serviram para cumprir a cota. Mas quero pensar séries maiores, mais cinematográficas. A TV é um campo importante, e todo mundo está se mexendo.

Mesmo entre os diretores mais jovens, a TV tem se transformado num foco prioritário. Felipe Bragança, que exibiu “Alegria” (longa-metragem feito em parceria com Marina Meliande) no Festival de Cannes em

2010, pensou seu novo projeto, “Claun”, sobre a mitologia dos Clóvis do carnaval de rua, já com um canal na TV.

— Fizemos três capítulos como piloto e agora estamos pensando qual caminho trilhar: o da parceria com a TV ou com algum canal de veiculação via web — conta Bragança. — Estou apenas engatinhando nessa ideia, nesse universo novo, e uma série com linguagem inventiva, alegórica, feita de forma quase artesanal, me interessa. Imagino a TV e a web pensada como espaço estético a ser passado e investigado em nosso momento cultural, e não apenas como mercado. ●